

ASPECTOS DA ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO NO BAIRRO  
RURAL DOS PIRES (MUNICÍPIO DE LIMEIRA,  
ESTADO DE SÃO PAULO) (\*)

LILIANA LAGANÁ FERNANDES  
(Professora na FFCL da USP - sócio  
cooperador da SRSP da AGB)

“O bairro rural dos Pires: estudo de Geografia Agrária” é o título da tese de mestrado defendida pela autora em novembro de 1967 junto ao Departamento da Geografia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. O presente artigo corresponde ao capítulo IV da referida tese, cujo plano geral foi o seguinte:

I — *Introdução*: a) — O Tema e seu Interêsse; b) — Documentação e Técnicas de Pesquisa.

II — *A Situação Geográfica*: a) — Os Grandes Quadros da Paisagem Rural no Município de Limeira; B) — Caracterização e Localização do Bairro dos Pires; C) — O Vale do Ribeirão do Ferraz ea Unidade Física do Bairro.

III — *O Bairro como Unidade de Povoamento*: a) Os Elementos de Coesão Social; b) — Origem do Bairro e a Evolução da Paisagem; c) — A População e suas Características.  
IV — *Aspectos da Organização do Espaço*: a) — A Organização da Malha Fundiária e o “Habitat” Rural; b) — A Casa Rural; c) — A Estrutura Agrária; d) — Formas de Uso da Terra; e) — A Paisagem Agrária.

V — *Sistema de Produção e Organização Econômica*: a) — As Técnicas de Produção; b) — A Citricultura: Principal Riqueza do Bairro; c) — As Outras Atividades Rurais; d) — O Calendário Agrícola.

VI — *Conclusão*

\* \* \*

---

(\*) — Recebido em abril de 1968.

a) — *A Organização da Malha Fundiária e o "Habitat" Rural*

A organização da malha fundiária no bairro dos Pires teve, como elemento orientador, o eixo natural representado pelo vale do ribeirão do Ferraz. Os lotes resultantes da divisão da propriedade comprada pelos colonos, dispuseram-se perpendicularmente ao vale, sendo relativamente estreitos e alongados, de espigão a espigão, todos medianamente atravessados pelo ribeirão.

Este sistema de divisão fundiária lembra, sem dúvida, a "Waldhufendorfen" descrita por Waibel em seu estudo sobre a colonização européia no Sul do Brasil. Diz, de fato, o autor citado, que "nas zonas serranas de colonização antiga, as linhas coloniais seguem normalmente os fundos de vales fluviais e de cada lado delas estão alinhados os lotes dos colonos a distância de algumas centenas de metros. Algumas linhas coloniais tem 10 ou 20 quilômetros de extensão e centenas de lotes se distribuem ao longo delas. Esses lotes são estreitos ao longo da estrada ou do rio, mas se estendem numa longa faixa retangular para o fundo, muitas vezes até o divisor de águas" [6, p. 243].

Referências a este sistema também são feitas por Lynn Smith, quando, estudando a aldeia linear, nos Estados Unidos, busca suas origens em influências culturais, analisando este tipo de povoamento até épocas bastante remotas. São suas palavras: "desde épocas remotas as aldeias em linha constituem importante forma de povoamento do solo na França. Já no século IX era conhecida na França, dividindo-se o solo em retângulos de trinta côvados de largura por 730 de comprimento, (mansus regalis), tipo muito em voga sob as dinastias carlovíngias (751-987 A.D.). Difundindo-se, passou à Holanda, onde tanto os Hufen do planalto quanto dos alagadiços foram divididos dessa maneira, e o costume foi também adotado nos Waldhufen. Os imigrantes holandeses parecem tê-la transportado para a Alemanha, onde foi ela largamente empregada na colonização do Weser, Holstein, Mechlemburg. Mais tarde veio a exercer forte influência na expansão da cultura alemã para o oeste [4, p. 77].

Os alemães que se estabeleceram no vale do ribeirão do Ferraz dando origem ao Bairro dos Pires, provinham do

Holstein. Contudo, não nos parece haver simples relação de causa-efeito entre influências culturais e organização da malha fundiária. O sistema, de fato, representa o modo mais simples e funcional de utilização das condições naturais locais: com efeito, a disposição das propriedades, paralelas entre si e alinhadas ao longo de um eixo fluvial, assegura uma certa homogeneidade de condições para tôdas, e, principalmente, a testada para a aguada, indispensável a um estabelecimento agrícola; um único caminho, paralelo ao eixo fluvial, serve a tôdas, constituindo-se, também, em elo de união entre as propriedades; evitam-se, também, as grandes distâncias entre as mesmas.

As vantagens indiscutíveis dêste sistema fazem com que seja bastante difundido no Brasil, e não apenas em áreas de influência cultural alemã, podendo surgir tanto espontaneamente, como ser o resultado de organização pré-concebida. Na várzea do Açu, a organização da malha fundiária obedeceu a êste princípio e Pasquale Petrone, que a analisou, diz que "O rio, como não poderia deixar de ser, orientou todo o processo de povoamento não só porque seu vale constitui um eixo natural de penetração, como, também, em virtude do interêsse pela água" [3, p. 254]. O mesmo tipo foi analisado por Nice Lecocq Müller, no Norte do Paraná, que assim o descreve: "O loteamento começou em 1933, segundo planos pré-determinados. Os lotes, traçados em longas fitas, vão dos espigões aos vales tendo, ao mesmo tempo, frente para a aguada e para a estrada" [2, p. 77]. Estamos, no primeiro caso, diante de um processo espontâneo, e, no segundo, de uma organização prévia. Os exemplos, podem, na realidade, ser multiplicados, o mesmo tipo de malha fundiária podendo ser o resultado de fatores e condições diversas. No bairro dos Pires surgiu de um acôrdo espontâneo entre colonos e a divisão não poderia ser outra. Desde logo, definiu-se o primeiro caminho, que seguiu a meia encosta direita, no início interrompido a espaços irregulares por porteiras, indicando a sucessão das propriedades. A extensão dos lotes e sua largura na estrada variam de acôrdo com as posses de cada colono, não havendo, contudo, substanciais diferenças. Ao todo, os lotes estendem-se numa linha de aproximadamente 10 quilômetros.

A subdivisão hereditária, sempre que possível, manteve os prin-

ficação da largura da propriedade na estrada, mas apenas nos fundos, havendo, por conseguinte, grande desproporção entre as duas partes.

Embora modificado por todos estes processos, que se verificaram no decorrer de um século, o sistema primitivo continua nítido no traçado da rede fundiária atual do Bairro, com um eixo principal de orientação, estabelecido pelo vale do Ribeirão do Ferraz e dois secundários, perpendiculares ao primeiro e irradiando-se dêste, a partir da área central do Bairro, representados por dois vales afluentes. Sobre este esquema calca-se, também, o traçado das principais estradas que servem o bairro, e que funcionam como linhas de amarração entre tôdas as propriedades (Fig. 1).

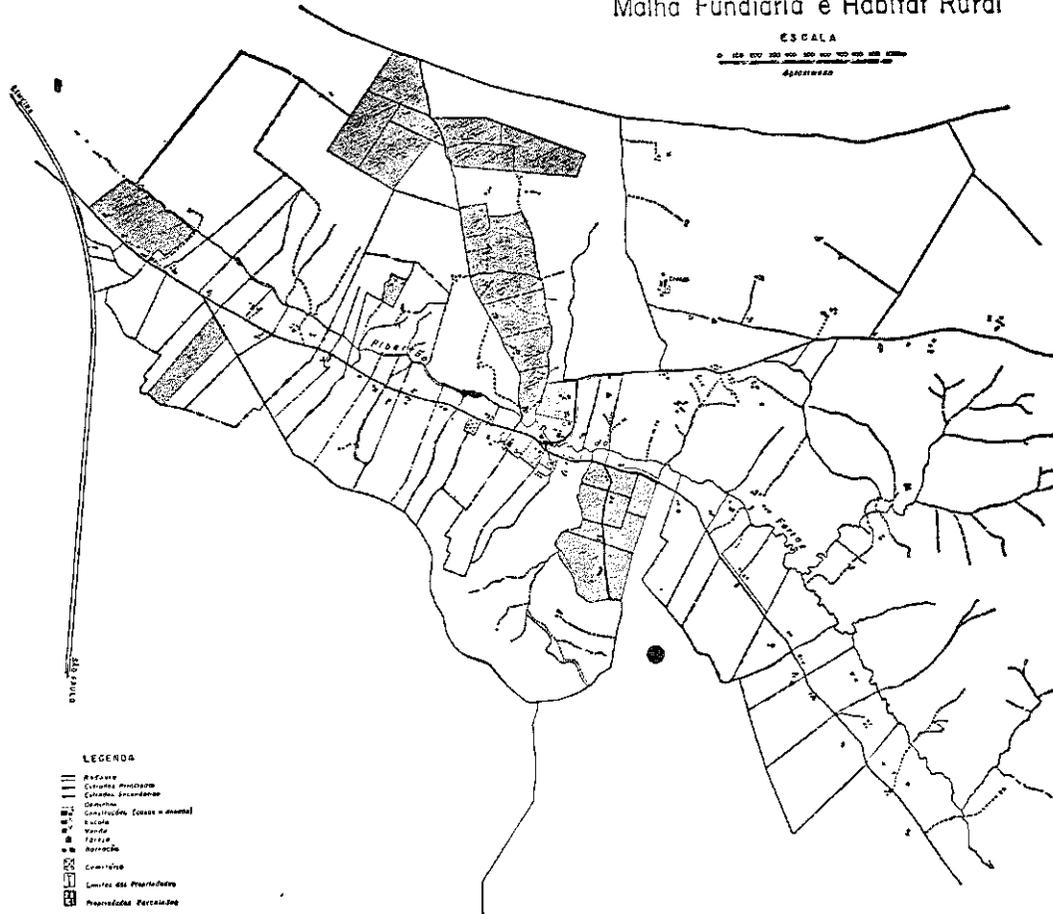
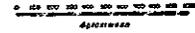
Sua estrutura serviu, também, de base para a orientação do "habitat" rural, que apresenta um característico típico de dispersão linear ao longo das estradas. Com efeito, a casa isolada representa a unidade de povoamento típico, verificando-se associação entre local de moradia e de trabalho, com a construção da habitação junto das terras de cultivo. Assim, na maioria dos casos, cada moradia, circundada por seus anexos e benfeitorias, representa também a sede uma exploração rural. Pequenos grupos de duas ou três casas podem contudo aparecer numa mesma exploração, como resultado da presença, na mesma, de filhos casados que continuam trabalhando na propriedade paterna ou de casas de empregados assalariados.

Embora isoladas, as casas procuram se localizar próximo à estrada, que, com vimos, representa um ponto comum entre tôdas as propriedades, resultando, disto, um correr de casas alinhadas nos dois lados das estradas. Dificilmente, porém, são construídas junto da mesma, mas têm geralmente, à frente, um jardim, um pequeno pasto ou então um espaço reservado a culturas mais delicadas (mudas, por exemplo); outras, enfim, semi-escondem-se no meio de pomares.

O espaçamento entre as casas ao longo da estrada oscila entre um mínimo de 30 e um máximo de 500 metros, sendo, contudo, mais freqüentes os intervalos de 50-100 metros, e secundariamente, os de 150, 200, 250 e 300 metros. Verifica-se, portanto, graças ao formato das propriedades fundiárias e à disposição das casas, uma

# BAIRRO DOS PIRES Malha Fundiaria e Habitat Rural

ESCALA



LEGENDA

- Reserva
- Estrada municipal
- Estrada estadual
- Caminho
- Irrigação, Casas e anexos
- Lavoura
- Pastagem
- Favela
- Matadouro
- Composto
- Limite da Paróquia
- Propriedade Particular

LILIANA LAGANA FERNANDES

041-1024

FIGURA 2

relativa proximidade entre as mesmas, apesar da dispersão do habitat: com efeito, nunca a distância entre uma casa e sua vizinha mais próxima ultrapassa os 300 metros. É possível, por outro lado, verificar certa variação na intensidade de ocupação, que é de modo geral maior no alto e médio curso (Pires e Pires do Meio) e mais rala no baixo curso (Pires de Baixo). Significativo é o levantamento linear que realizamos ao longo da estrada principal do bairro, que o percorre em toda sua extensão, paralelamente ao eixo do ribeirão: percebe-se, por ele que as casas guardam entre si distâncias menores no espaço que vai desde o começo do bairro (próximo à estrada de rodagem estadual) até aproximadamente sua parte central, com uma média de 10 casas por quilômetro e um espaçamento máximo de 300 metros, sendo mais comuns os de 50, 100 e 150 metros, podendo, mesmo, notarem-se certos grupos de 2 - 3 casas próximas (50 metros), separados de outros a distâncias de 200-250 metros. Ao contrário, na parte do bairro que vai do meio até o baixo curso, os intervalos aumentam, sendo constantes os de 300, 400, 430 metros, com uma média de 4 casas por quilômetro.

A distância entre as casas está estritamente ligada à largura das propriedades na estrada: assim, onde o retalhamento foi mais intenso, há maior proximidade entre as mesmas, como ocorre no Pires e no Pires do Meio, enquanto que, no restante da área, permanecem ainda propriedades de extensão mais considerável e, especialmente, mais largas, disto decorrendo um maior espaçamento entre as habitações. Outro fato, que pode também influir, é o desejo de proximidade entre parentes, que os leva a construir suas casas nos limites das respectivas propriedades, o que explica o fato de aparecerem grupos de duas casas, que chegam a se tocar pelos seus anexos, fato que ocorre comumente quando da subdivisão de propriedade entre dois irmãos.

As estradas, como vimos, irradiam-se da área central do bairro, que apresenta assim, pela disposição das casas ao longo de cada uma, um habitat disperso radial, com uma mancha de maior adensamento das habitações. É aí, também, que estão localizados os "serviços" (escola, venda, igrejas, cemitério), tendo-se definido o centro social, em virtude de sua localização central e da presença

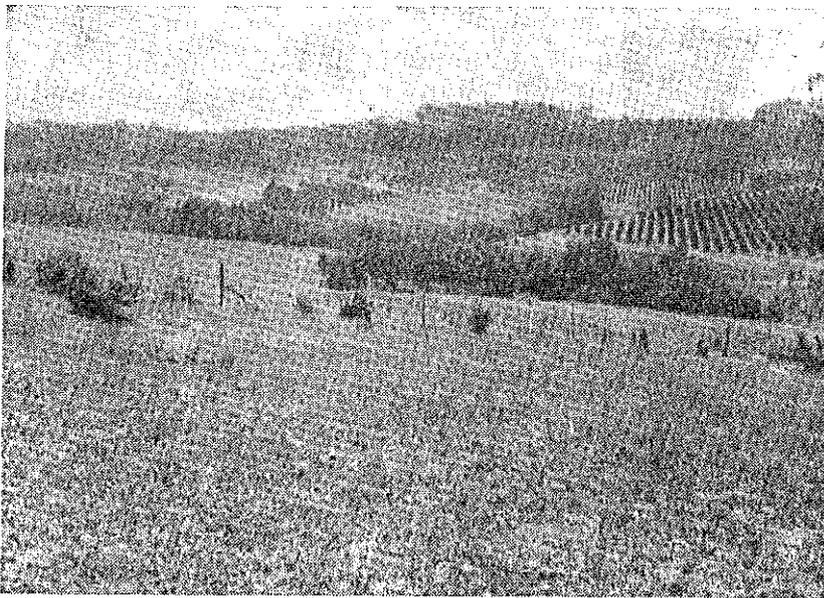


Figura 3 — A paisagem agrária, no alto do Ribeirão do Ferraz, caracteriza-se pela utilização integral do solo, com exceção de estreita faixa que acompanha a sinuosidade do fundo do vale, ocupada por capão de mato. Os laranjais, bem cuidados, justapõem-se, recobrimdo extensas áreas, à meia vertente, enquanto que nas terras baixas predominam as pastagens e nos interflúvios destacam-se os eucaliptais. (Agosto 1965)

da encruzilhada. Apesar de próximos, êstes serviços não chegam a formar um verdadeiro núcleo, pois permanecem isolados entre si, intercalando-se com espaços vazios de construções, ocupados por matas, pastos, terras de cultivo.

As casas estabelecem-se de preferência na meia encosta, sendo as quotas mais freqüentes as que oscilam em tôrno dos 600 metros; podem também, aparecer no tôpo de pequenos esporões secundários, mas dificilmente no tôpo dos divisores principais: significativo é o fato de que, quando a estrada percorre o interflúvio, as casas se afastam mais dela, procurando a meia encosta, passando, então, a serem servidas por caminhos particulares.

Trata-se, portanto, no conjunto, de um "habitat" disperso linear orientado pelas estradas, com início de cristalização na encruzilhada e com a localização das casas à meia encosta. Êste tipo de "habitat", conforme bem lembra Lynn Smith, combina as vantagens econômicas do "habitat" disperso, pela proximidade das casas aos campos, e as vantagens sociais do "habitat" concentrado, pois possibilita maior aproximação entre as casas. De fato, diz o autor citado que "a aproximação das casas dos lavradores torna possível os benefícios resultantes da assistência mútua entre os vizinhos, a proximidade das instituições sociais, o desenvolvimento da camaradagem entre as crianças, enfim uma vida social mais rica e proveitosa para os membros da comunidade" [4, p. 238].

O bairro dos Pires, embora abrangendo uma área considerável, com uma distância máxima entre seus pontos extremos de cêrca de 10 quilômetros, nos oferece um ótimo exemplo das vantagens acima citadas, pois, apesar da dispersão do "habitat", com associação casa-exploração, os contactos sociais não são prejudicados, fato que sublinha, mais uma vez, seu característico de comunidade rural definida.

### B — A Casa Rural

Espelhando o nível de vida de seus moradores e a própria organização da exploração agrícola, marcas tangíveis da presença humana, as casas rurais representam, sem dúvida, um dos aspectos mais interessantes no estudo da paisagem rural.

O característico fundamental da casa rural é o fato de ser a mesma "non seulement un abri, mais aussi le centre d'une exploitation agricole, dans une certaine mesure, un atelier" [5, p. 125] exprimindo assim "par la disposition de ses organes la totalité des caracteres de l'économie rurale" [5, p. 132]. É, portanto, como "piece maitresse d'un ensemble, l'exploitation rurale, le domaine dont elle est inseparable" [5, p. 98] que sua análise deve ser empreendida.

Na área em estudo, verifica-se a associação entre a casa e a exploração, havendo, portanto, no conjunto "une poussière d'unités agraires et non seulement d'unités de peuplement" [5, p. 98]. É bastante comum encontrar, também, duas ou três casas numa mesma exploração, isto ocorrendo quando, ao lado da casa do proprietário aparecem as de filhos casados ou de empregados assalariados, mas, evidentemente, o característico de dispersão permanece.

De modo geral, o número de pessoas por casa não é muito elevado, predominando as casas com quatro moradores, vindo, em seguida, as com três e cinco pessoas, fato diretamente ligado ao pequeno número de filhos por casal. As casas com maior número de pessoas correspondem seja às habitadas por famílias mais numerosas, seja às que abrigam duas famílias. Mesmo nêstes casos, excetuando-se apenas algumas casas, que possuem poucas dependências, as condições de habitabilidade são geralmente boas, sendo cômodas e espaçosas, como pode se depreender do quadro abaixo:

(A)		(B)	
N.º de cômodos	Casas	N.º de quartos	Casas
1	—	1	5
2	1	2	38
3	2	3	38
4	9	4	8
5	30	5	2
6	23		
7	10		
8	7		
9	5		
10	1		
11	1		



Figura 4 — Casa pobre, abrigando famílias de colonos assalariados. Embora de alvenaria e com cobertura de telhas, apresenta-se em péssimo estado de conservação. O puxado ao lado, de construção mais recente (veja-se o telhado) serve de habitação a outra família. Não apresentam jardim e nem anexos. (Janeiro 1966)

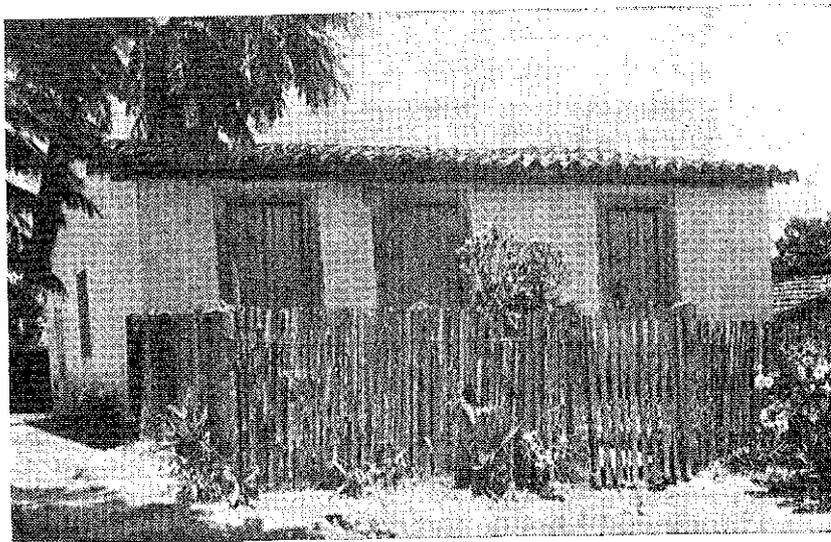


Figura 5 — Exemplo de casa modesta. Embora os característicos fundamentais da construção lembrem a casa anterior, apresenta certas melhorias, com relação àquela: a pintura mais cuidada, o pequeno jardim à frente, protegido por cerca de bambu, alguns anexos, sendo visível ao fundo, à direita, o telhado do paio. São geralmente habitadas por proprietários de poucas posses, empregados assalariados ou meeiros.

Há um acentuado predomínio das casas com dois e três quartos (76 casas), sendo os outros cômodos representados pela sala, cozinha e copa ou dispensa. Nas casas melhores, o número de cômodos é aumentado pelo aparecimento de salas de visitas, banheiro e eventualmente, quarto de costura.

Quanto à construção, observa-se que tôdas são de alvenaria (apenas uma, a mais velha, conserva parte da casa construída em adobe, com estrutura de madeira à vista). Tôdas, também, são rebocadas e pintadas, diferenciando-se o estado da pintura, conforme veremos a seguir. São também, tôdas recobertas por telhas, distinguindo-se dois tipos (a portuguesa e a francesa), de acôrdo com a época de construção e a posse dos moradores.

A êstes aspectos, que, embora com diferenciações, constituem o denominador comum de tôdas as casas do bairro, vêm somar-se outros, que servem de elementos diferenciadores, tais como tipo de piso, fôrro, portas e janelas, etc., além do número de anexos e benfeitorias de que dispõem, de acôrdo com a importância e forma de exploração.

Resumindo todos êstes elementos, tentamos uma classificação das casas encontradas no bairro, chegando à definição de quatro tipos fundamentais:

- a) — *Casas pobres* habitadas geralmente por assalariados. Seu aspecto geral é de abandono, de descuido. Embora, como já dissemos, de tijolos e recobertas por telhas, são mal rebocadas e a pintura de cal branca, é velha, manchada. Comumente são geminadas. Sua planta é simples, quadrada ou retangular, com uma salinha dando acesso às outras dependências, o telhado, de duas águas, com um puxado ao lado ou nos fundos, para abrigar a cozinha e o rancho do poço. Não existe cerca nem jardim, não apresentando, tampouco, anexos ou benfeitorias. Internamente, o mesmo aspecto miserável e triste: o chão é de tijolos, não têm fôrro, nem portas internas, as janelas são rústicas, sem vidraças, uma saleta, com poucos e rústicos móveis, dá acesso aos outros cômodos, alguns dos quais utilizados para depósito de mantimentos ou ferramentas. Tudo nelas, enfim, revela a mise-

rabilidade em que vivem seus moradores. Felizmente, pouco representado é este tipo de casa (5 ao todo).

- b) — *Casas modestas*, pertencentes a proprietários de poucas posses ou então alugadas a trabalhadores sem terras, diaristas ou meeiros. São geralmente casas de planta simples, com telhados de duas águas e telhas portuguesas, pintura sem cuidados, janelas sem vidraça, assoalho de tijolo e sem fôrro, aspectos estes que lembram o tipo anterior. Mas, geralmente, estas casas possuem, com relação àquelas, certo melhoramento, como cerca de bambu e pequeno jardim que lhes alegria a fachada, aparecendo, também, alguns anexos, embora simples e em número reduzido, como paiol, chiqueiro, galinheiro, além de forno e poço, geralmente localizados num puxado ao lado da cozinha. Foi-nos possível, apesar de pequenas variações, classificar, neste tipo, 31 casas.
- c) — *Casas médias*, de proprietários com nível de vida razoável. São mais amplas e espaçosas, com número maior de cômodos e quartos. Seu aspecto é mais cuidado, sendo bem rebocadas e pintadas. Podem ser de duas ou quatro águas, geralmente com telhas francesas. Algumas apresentam pequena área na frente, sendo tôdas cercadas por ripado de madeira ou bambu, envolvendo jardim florido e bem cuidado. Atrás da casa, semi-escondidos por árvores frutíferas, dispõem-se os anexos, em número maior e mais variados que no caso anterior. Ao lado dos já citados, aparecem geralmente, a tulha, para guardar mantimentos, a privada, um rancho para carroça. Nas propriedades com atividade criatória, a mangueira e o pátio com côchos, escavados em troncos de árvores, também caracterizam a área imediatamente próxima à casa. É também comum, nos fundos da mesma, encontrar a esterqueira, escavação protegida por tábuas, em que são jogados o estêrco, recolhido diariamente pela manhã, palha e restos da casa. O aspecto da habitação é agradável, possuindo, geralmente, uma saleta, dois ou três quartos, copa e cozinha, além de um puxado, onde se abrigam o poço e o tanque. O chão

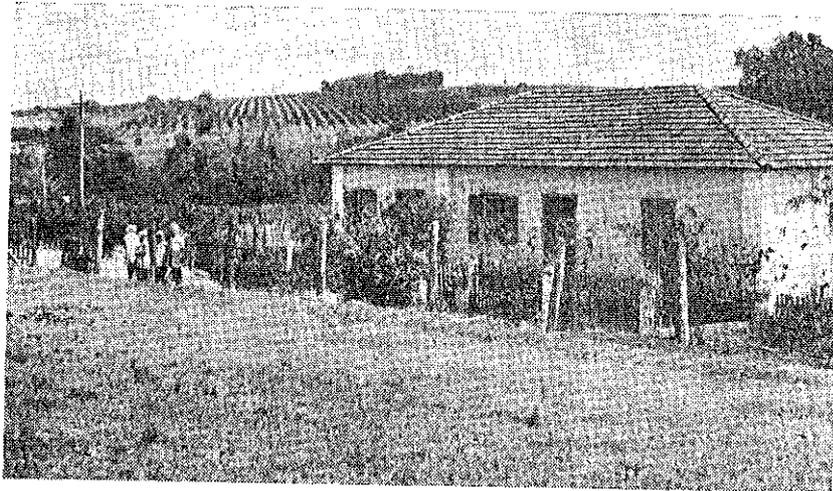


Figura 6 — Casa do tipo médio. Espaçosa e com telhado de quatro águas, possui janelas tipo guilhotina. A cerca de balaustre (pilares e ripas) envolve a casa, protegendo o jardim, enquanto que a de arame farpado delimita a propriedade, perto da estrada. Ao fundo, laranjal em linha. (Agosto 1964, foto H. A. Fernandes)

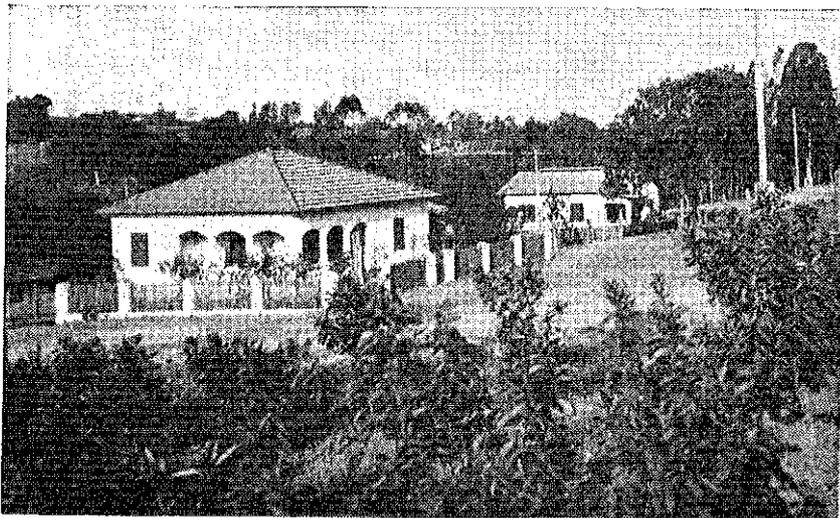


Figura 7 — Duas das melhores casas do bairro, denotando, em todos os detalhes, nível de vida elevado. Na foto acima, ao lado da casa do proprietário, aparece outra, menor, em que mora o pai, já idoso. Em primeiro plano, o "viveiro".

é às vezes de tijolo, bem limpo; mais comumente porém a sala e os quartos são assoalhados e as outras dependências são cimentadas (vermelhão). Normalmente só a sala é forrada. O mobiliário é melhor do que no caso anterior: salinha, com mesa e guarda-louça, alegrada por vasos de flôres. Nas paredes, fotografias de antepassados, de grupos de alunos em frente à escolinha do bairro com dizeres em alemão. Quase sempre possuem também um rádio. Refletem, enfim, um nível de vida bom, havendo, ao todo, 42 casas, que podem ser incluídas neste tipo.

- d) — *Casas boas*, lembrando, mesmo, em muitos aspectos, o tipo urbano, não fôsse a presença dos numerosos anexos e benfeitorias que as cercam. Espelham um nível de vida elevado, sendo construídas com todo conforto. Espaçosas, com plantas geralmente complexas, possuem sala de visitas, dois ou três quartos, sala de jantar, cozinha, despensa, banheiro, etc.

O telhado é geralmente de quatro águas e é recoberto de telhas francesas. Apresentam, na maioria dos casos, cêrcas de balaustre, formadas por pilares de tijolos rebocados, colocados a espaços regulares, sendo os intervalos preenchidos por ripado de tabuinhas, tendo sempre um jardim muito bem cuidado. Tôdas possuem uma varanda à frente, com plantas ornamentais e, às vezes, envidraçadas. As janelas, com venezianas, são do tipo guilhotina e sempre com cortinas protegendo o interior. Tôdas são forradas. O chão, assoalhado ou de ladrilhos, é sempre cuidadosamente encerado. Na salinha, móveis estofados e mesinha, ao centro, com flôres. É comum, também, haver televisão, vitrola e geladeira, e sempre, também, fogão a gás. O banheiro é dentro de casa e possui chuveiro. A água, puxada do poço ou córrego, por bomba, é encanada.

Os anexos são numerosos. Àqueles citados até agora, somam-se garagem para carros ou caminhão, depósitos para lenha, instrumentos agrícolas, sementes ou adubos. Em alguns casos, com elevação do nível de vida, constroe-se uma nova casa, ao lado da primeira, sendo então esta utilizada



Figura 8 — Propriedade de um “viveirista”: em frente à casa, o “viveiro”, com as mudas cítricas estaqueadas. (junho de 1964)

como depósito. Encontramos, ao todo, cerca de 11 casas, nesta categoria.

Quanto à disposição dos anexos, pode se notar os seguintes fatos: em alguns casos, a cerca de tábua ou bambú, envolve a casa por completo, circundando, à frente e aos lados, o jardim, e atrás, a horta mantida pela dona da casa. Os anexos permanecem fora deste cercado, distribuindo-se atrás e ao lado da casa, sendo o todo envolvido por cerca de arame farpado, no interior do qual aparece um gramado ou então culturas de maior cuidado (viveiros, por exemplo). Em outros casos, a cerca de tabuinhas abrange um espaço maior, no interior do qual se localizam casas, anexos e árvores frutíferas. Outras casas possuem cerca de tabuinha e bambu apenas na frente, continuando-se aos lados e fundos por tela, envolvendo a área de localização dos anexos. A necessidade de cercas é maior nas propriedades com criação de gado, sendo necessário, então, uma trama complexa de cercas e porteiras, na área imediatamente próxima à casa.

Apesar das variedades que acabamos de analisar, os tipos de casas do bairro nos revelam, no conjunto, condições de vida geralmente boas. De fato, com exceção das poucas casas miseráveis habitadas pelos trabalhadores assalariados, as outras, mesmo as que classificamos como modestas, oferecem razoáveis condições de habitabilidade, especialmente se levarmos em consideração as casas mais comuns no meio rural brasileiro. Queremos ainda ressaltar que, apesar das diferenças, não há contrastes por demais violentos, o que está de acordo com a estrutura social mais ou menos homogênea da comunidade rural. Parece-nos ainda, interessante chamar a atenção para o fato de que a habitação, no bairro dos Pires, não reflete as condições culturais do grupo. De fato, quando simples, copiam padrões de casas típicas da zona rural do Estado e, quando melhores, se aproximam, como vimos, dos padrões urbanos.

### *C — A Estrutura Agrária*

O território compreendido pelo bairro dos Pires abrange uma



Figura 9 — Propriedade de um "viveirista": junto aos anexos da casa, empilhados, os jacázinhos utilizados no acondicionamento das mudas para comercialização. (janeiro de 1966)

extensão de aproximadamente 650 alqueires, divididos entre 67 proprietários, sendo as propriedades assim repartidas, por classes dimensionais:

<i>Extensão (alqueires)</i>	<i>Número de pro- priedades</i>	<i>N.º de prop. (%)</i>	<i>(%) Área ocupada</i>
0-5	32	47,8	17,5
5-10	20	30,0	23,0
10-15	6	9,0	10,5
15-20	2	3,0	8,0
20-25	2	3,0	7,0
25-30	2	3,0	8,3
30-35	—	—	—
35-40	1	1,4	6,0
40-45	—	—	—
45-45	—	—	—
50-45	—	—	—
55-60	1	1,4	9,0
60-65	—	—	—
65-70	1	1,4	10,0
Total	67	100,00	100,00

Evidencia-se, pela tabela acima, o grande predomínio das propriedades com menos de 10 alqueires e, em especial modo, das com menos de 5 alqueires, devendo-se ressaltar que, entre estas, grande proporção possui menos de 3 alqueires. Contrastando com este grande número de propriedades de pequena extensão, poucas, apenas 7, possuem mais de 20 alqueires, sendo verdadeiras exceções as com mais de 50 alqueires (duas apenas). Os extremos estão entre 0,5 alqueire, para a menor, e 70 alqueires para a maior.

A comparação entre o número e a área ocupada por cada grupo dimensional é sugestiva. Com efeito, embora, no total, seja maior a extensão de terras englobadas pelas propriedades de pequena extensão, a percentagem de terras ocupadas pelas mais extensas é considerável, comparada com sua insignificância numérica. De fato, as propriedades com menos de 10 alqueires, que perfazem 77,8% do número total das propriedades, recobrem apenas 40,5% da área

total considerada, enquanto que as com mais de 50 alqueires, que representam apenas 2,8% do número, ocupam 19% da área.

Evidencia-se, assim, a grande fragmentação da terra nas mãos de muitos pequenos proprietários, numa quase pulverização da propriedade fundiária; mesmo as de maior extensão, consideradas grandes, dentro dos padrões do bairro, de modo algum o são, se comparadas aos padrões do Município de Limeira ou do Estado de São Paulo.

Do total das propriedades, 39 (ou seja 58,2%), possuem terras contíguas, sendo formadas por uma só gleba, enquanto que 28 (41,8%) são parceladas, possuindo dois ou mais lotes espalhados pelo bairro, ou fora dêle, especialmente nos bairros de Pinhal, Frades e Brejo.

O fato de existirem propriedades parceladas prende-se, em parte, a problemas sucessoriais, como já vimos, mas pode resultar, também, de processos de compra-venda, quando à propriedade inicial são anexados lotes não contíguos, ou de casamentos, êste último fato explicando a presença de propriedades com porção de suas terras em outros bairros, que correspondem àqueles com que o bairro dos Pires mantém maiores relações de casamento.

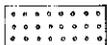
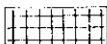
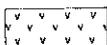
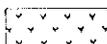
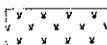
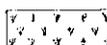
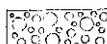
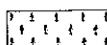
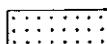
No que diz respeito ao problema de subdivisão hereditária, é necessário analisar com mais detalhes alguns aspectos: a subdivisão tem sido intensa, aparecendo, como vimos, uma poeira de pequenas propriedades, fato que tem levado, em alguns casos, a uma impossibilidade de continuar o retalhamento, e à procura de outras soluções, variando de acôrdo com cada caso. Quando existem muitos herdeiros, o mais comum é apenas um ou dois dêles continuarem com a propriedade, comprando a parte que caberia aos irmãos, que, nêstes casos, geralmente, emigram. Um exemplo significativo é representado por uma propriedade de 7 alqueires, que deveria ser repartida entre nove irmãos. Dêstes, dois permaneceram nas terras (cada um com 3,5 alqueires). Dos restantes, um se estabeleceu no bairro do Brejo, em seguida a casamento, e seis na cidade de Limeira, onde se dedicaram a várias ocupações. Êste processo foi, porém, mais significativo no passado, numa época em que as famílias eram mais numerosas, tendo a restrição da natalidade diminuído sensivelmente o problema.

## BAIRRO DOS PIRES

## UTILIZAÇÃO DA TERRA

(Janeiro/Fevereiro de 1966)

## LEGENDA

	Laranjais
	Viveiros (mudas cítricas)
	Laranjais com culturas temporárias intercaladas
	Cafézais
	Arroz
	Milho
	Mandioca
	Feijão
	Cana-de-açúcar
	Capões de mato
	Eucaliptos
	Pastos

LILIANA LAGANÀ FERNANDES

Des...Hella

Figura 10 — Legenda das figuras 11; 12 e 13.

Outro tipo de solução, para evitar o demasiado retalhamento, consiste na formação de sociedades entre irmãos, quando não são muitos, organizando uma única exploração agrícola. O exemplo melhor nos é dado por uma propriedade, com 6 alqueires, que deveria ser subdividida entre três irmãos, todos casados. Embora cada um seja potencialmente proprietário de 2 alqueires, a divisão real não é praticada, e a exploração é feita conjuntamente.

Bastante comum é, hoje em dia, em famílias pouco numerosas, o pai conservar os filhos na propriedade, mesmo depois de casados, como terceiros ou meeiros, evitando assim o retalhamento e resolvendo o problema da mão-de-obra: estabelece-se quase um regime de patriarcado, em que o pai tutela o filho, oferecendo-lhe boas condições de início de vida, e êste lhe garante o apôio na velhice.

Ao lado do retalhamento ocorre, também, o reagrupamento de propriedades, seja por casamentos, seja por compras. As propriedades que apresentam hoje maior extensão territorial resultam de anexação de terras por compras. Bom exemplo representa uma propriedade, no Pires, que possui 21,4 alqueires de terras, tendo, inicialmente 7,5 alqueires, aos quais foram anexados mais 14, por compras sucessivas de terras contíguas.

Quanto ao sistema de exploração podemos verificar o seguinte:

	N.º.	%
Propriedades sob a responsabilidade direta do proprietário .....	62	92,7
Propriedades sob a responsabilidade de meeiros e terceiros .....	3	4,4
Propriedades sob a responsabilidade de arrendatários .....	2	2,9
Total .....	67	100,0

Evidencia-se a grande importância da exploração direta das terras, a quase totalidade dos proprietários residindo no bairro. Registramos apenas um caso de proprietário que, embora, explotando

diretamente sua propriedade, mora na cidade de Limeira, dirigindo-se diariamente ao bairro, onde mantém um administrador, tratando-se, no caso, de agricultura comercial especulativa. Os sistemas de exploração indireta, ou seja, meiação e arrendamento, são muito menos representados, constituindo apenas 7,3%.

Contudo, ao se analisar o sistema de trabalho com mais detalhes, depara-se com uma realidade mais complexa. De fato, em cerca de 42 propriedades (62,7%), utiliza-se exclusivamente a mão-de-obra familiar (pai, mãe e filhos), tratando-se, geralmente, de propriedades de pouca extensão (até 5-6 alqueires). Alguns, dentre eles, praticam o troca-dias, ajudando-se entre vizinhos; outros (cerca de 5-6 alqueires), dispendo de tempo, ou seja, quando a propriedade é tão pequena que não permite o pleno emprêgo da mão-de-obra familiar, trabalham como terceiros e meeiros para proprietários mais abastados, do próprio bairro.

Em cerca de 19 propriedades (28,4%) ao lado da mão-de-obra familiar, utiliza-se a de terceiros ou meeiros, constituída seja pelos casos acima citados, seja pelos filhos casados, que o pai continua mantendo na propriedade.

Há, enfim, uma percentagem, embora pequena (8,9%) de proprietários que utilizam mão-de-obra assalariada fixa, à qual soma-se, na época de acentuação dos trabalhos agrícolas, mão-de-obra de diaristas e empreiteiros, do bairro ou de áreas próximas. De modo geral, estas propriedades correspondem às que possuem mais de 20 alqueires. Entre tôdas, apenas uma, com 70 alqueires, utiliza mão-de-obra assalariada muito numerosa, constituída por 5 famílias de colonos, todos luso-brasileiros, sendo, realmente, uma exceção, no bairro.

O predomínio da pequena e média propriedade rural, diretamente explotada pelo proprietário, constitui, sem dúvida, a base da fixação do homem à terra, fenômeno infelizmente pouco comum no meio rural brasileiro. A própria forma de organização econômica do espaço, cujos característicos examinaremos a seguir, e que apresentam, para tôda a área considerada, uma relativa homogeneidade de aspectos, reflete o apêgo do homem ao campo.

*D — Formas de Utilização do Solo*

A policultura constitui a forma característica de utilização do solo no bairro dos Pires. Com efeito, execetuando-se apenas duas propriedades, utilizadas exclusivamente para cultura comercial de laranja, em tôdas as outras a organização do espaço é feita de molde a obter uma produção diversificada, em que se destaca, sempre, a citricultura, tipicamente comercial. A seu lado aparecem, também com considerável importância, culturas temporárias, tais como arroz, milho, feijão, mandioca, destinados ao consumo familiar, com venda de excessos. Secundariamente, outros produtos podem aparecer, representados por relíquias de culturas importantes no passado, como velhos cafezais, que ainda permanecem em uma ou outra propriedade, ou então fruticultura (melancia, mamão, banana), como tivemos ocasião de encontrar em algumas propriedades.

A atividade criatória também participa do sistema de produção, embora secundária, e, muitas vezes, subsidiária da agricultura, sendo sua presença atestada pela existência de pastagens, em tôdas as propriedades, e, em algumas, pelo aparecimento de culturas para forragem, como cana e milho.

Completam o quadro uma grande variedade de produtos de fundo de quintal: pequena horta aos cuidados da dona da casa, árvores frutíferas várias (abacateiro, mangueira, mamoeiro, bananeiras, grande variedade de frutas cítricas) associadas em pomar, que geralmente envolve a casa, e, por fim, criação doméstica de porcos e galinhas.

Verifica-se, assim, na grande maioria das propriedades, uma produção diversificada. O tipo de combinação apresenta, contudo, variação, na dependência da proporção e importância de cada cultura e da maior ou menor participação da criação no sistema de produção.

O tipo mais generalizado é o representado pelas propriedades que apresentam um certo equilíbrio entre as várias culturas, sem destaque especial de nenhuma delas. Embora a citricultura represente o setor tipicamente comercial, as culturas temporárias fornecem uma produção tal que permite, quase sempre, venda de parte

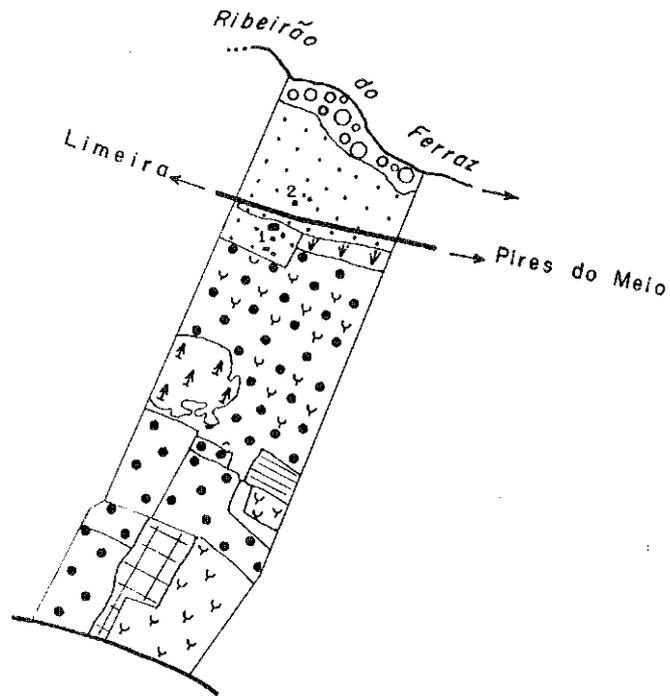


Figura 11 — Organização do espaço em propriedade policultora, em que são sintetizadas, praticamente, tôdas as formas de utilização do solo características do bairro dos Pires, podendo, mesmo, ser considerada como tipo-padrão. A propriedade, de 7 alqueires, possui formato retangular, alongando-se do espigão ao fundo do vale, sendo dividida, pela estrada, em duas partes desiguais. A distribuição das formas de utilização apresenta um escalonamento, seguindo-se, do fundo do vale ao topo do espigão, um capão de mato, beirando o ribeirão; uma área em pasto, que se estende até a sede da exploração localizada junto à estrada; nas proximidades da sede uma parcela com cultura de cana para forragem; os laranjais, alguns dos quais com culturas temporárias intercaladas, ocupam quase totalmente a vertente, interrompidos apenas por pequeno eucaliptal; no interflúvio, enfim, laranjais, culturas temporárias e cafezal, este último, reliquia do passado agrícola do bairro. (1 — casa do proprietário e anexos; 2 — casa de filho casado. Escala aproximada 1:9600).

da colheita. Quase tôdas possuem alguns animais para trabalho agrícola, com exceção de três, que se utilizam de animais emprestados ou alugados de vizinhos ou parentes. Cerca de 20, ainda, contam com duas ou três vacas para obtenção de leite necessário ao consumo familiar. As culturas intensivas de fundo de quintal, e os animais de criação doméstica, evidentemente, nunca faltam. Embora com matizes variados, nos foi possível classificar, neste tipo, 51 propriedades, bem representadas pelos exemplos seguintes (dados de janeiro de 1966):

- 1) Propriedade de 7 alqueires, dos quais 2 com laranja, 1 com milho, 0,5 com feijão, 0,5 com arroz, 1,5 com pasto e o restante com capão de mato.
- 2) Propriedade de 21,5 alqueires, dos quais 10 com laranja, 3 com arroz, 2 com milho, 1 com feijão, 3 com pasto, 2 com eucaliptos e 0,5 com capão de mato.
- 3) Propriedade com 5,5 alqueires, dos quais 1 com laranja, 1,5 com arroz, 1,5 com milho e 1 com café.
- 4) Propriedade de 5 alqueires, dos quais 3 com laranja e o restante ocupado por culturas temporárias.

Pelos exemplos acima, verifica-se, assim, um certo equilíbrio entre as terras ocupadas permanentemente pelos laranjais e as terras de lavoura dedicadas a cultivos anuais.

Outro tipo de combinação seria representado pelas propriedades, geralmente mais extensas, que, embora com características gerais semelhantes ao caso anterior, apresentam criação de gado leiteiro de maior destaque, possibilitando venda do produto para a vizinhança ou à própria cidade de Limeira. A atividade criatória transparece na maior extensão das pastagens, no aparecimento de culturas de cana e milho para forragem, nas instalações para o gado, que enriquecem os anexos junto da casa, como o curral, telheiro para ordenha, cercados com côchos para a alimentação, geralmente tôscos, retalhados em troncos de árvores. É possível classificar, neste tipo, 8 propriedades, tôdas possuindo mais de 10 cabeças de gado leiteiro, 3 das quais com mais de 20. Os exemplos seguintes servirão para ilustrar este tipo:

- 1) Propriedade de 30 alqueires, dos quais 6 com laranja, 10 com pastagem, 13 com culturas temporárias destacando-se o milho como cultura forrageira, 1 com eucaliptos e o restante com capão de mato. Vivem na propriedade cerca de 20 cabeças de gado para leite e alguns animais para o trabalho.
- 2) Propriedade de 60 alqueires, dos quais 15 com laranja, 15 com pasto, 5 com milho, 5 com arroz, 5 com feijão, 2 com batatinha e o restante ocupado por eucaliptos e capão de mato. Existe na propriedade cerca de 25 cabeças de gado para leite, além de animais para trabalho.
- 3) Propriedade de 20 alqueires, dos quais 5 com laranja, 5 com pastagem, 5 com culturas temporárias, destacando-se o milho, e 5 com capoeira e eucaliptos. Existe na propriedade cerca de 12 cabeças de gado para leite e animais para trabalho.

Um terceiro tipo de organização econômica da produção seria representado pelas propriedades em que a cultura comercial da laranja possui um caráter nitidamente predominante, recobrando a maior parte da superfície disponível (cerca de 70-80%) sem se falar das duas, já citadas, com monocultura propriamente dita. As outras culturas, embora existentes, têm importância secundária, sendo principalmente objeto de cultura intercalar nas fileiras dos pomares em formação. Destinam-se ao consumo familiar, dificilmente sendo objeto de venda. O setor comercial apresenta-se assim especializado, constituído apenas pelas laranjas e mudas de plantas cítricas. Os exemplos seguintes servem para ilustrar este tipo de propriedade.

- 1) Propriedade de 9 alqueires, dos quais 7 com laranja, 1 com culturas temporárias e 1 com capão de mato.
- 2) Propriedade de 3,5 alqueires, dos quais 3 com laranja, uma quarta de alqueire com mudas e o resto em capão.
- 3) Propriedade de 5 alqueires dos quais 4 com laranja, 0,5 com mudas e 0,5 ocupados por pasto e culturas temporárias.
- 4) Propriedade de 70 alqueires, dos quais 50 com laranja, 2 com mudas, o resto com culturas temporárias, pastagens e matas.

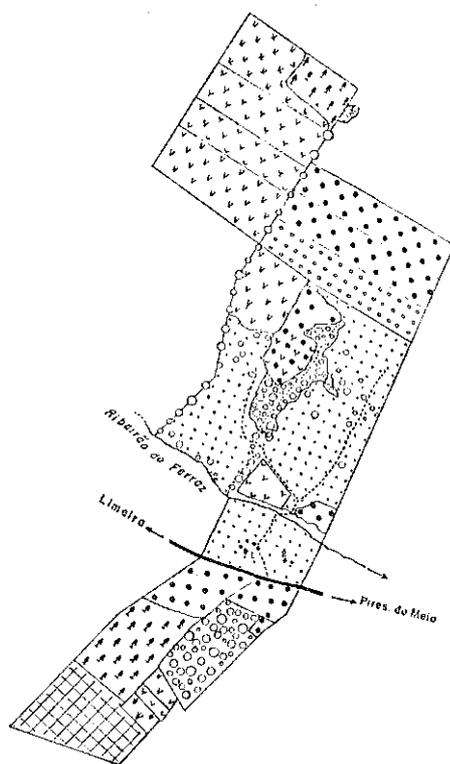


Figura 12 — Propriedade de considerável extensão (30 alqueires), com forma alongada de espigão a espigão, e uma área anexada por compra. A utilização do solo é variada, incluindo criação de gado de leite, fato atestado pela extensão das pastagens, que se desenvolvem, principalmente, na vertente esquerda do ribeirão. A distribuição espacial das formas de utilização obedece à regra geral: as culturas ocupam especialmente as vertentes e espigões mas invadem, também, a faixa de pastos, característicos da baixa encosta. O cafezal está confinado na parte mais alta da propriedade, localizando-se no interflúvio direito. Na vertente direita, o limite entre a área cultivada e os pastos é representada pela estrada nas proximidades da qual se localizam a sede da exploração e a casa de um empregado assalariado. Interessante notar-se, ainda, o contraste existente entre os contornos das parcelas de cultura situadas na vertente e espigão esquerdo, caracterizadas por serem rigorosamente geométricas, com formas retangulares alongadas paralelamente ao eixo do ribeirão, e as parcelas que ocupam a meia e baixa vertente, de contornos irregulares e arredondados. (Escala aproximada = 1 : 19100).

É interessante observar que este tipo de organização do espaço está ligado a três fatores fundamentais: 1) possibilidade de empate de capital por parte do proprietário, necessário, seja na formação de um novo pomar, prevendo-se, neste caso, uma amortização a longo prazo, seja na sua manutenção (tratos culturais, adubos, fertilizantes, eventual irrigação) para manter a produção em um nível elevado e diminuir ao mínimo a possibilidade de riscos; 2) certa especialização técnica, utilizando-se métodos racionais e científicos, especialmente no caso de produção comercial de mudas; 3) infra-estrutura comercial sólida, garantindo o produtor contra eventuais oscilações de mercado.

Todos estes aspectos serão analisados com maiores detalhes em outra oportunidade, nos interessando apenas, aqui, chamar a atenção para a influência que exercem nas diferentes formas de organização econômica do espaço. Com exceção das condições acima, de fato, a policultura, com uma produção mais variada, representa uma busca de maior equilíbrio para a pequena exploração familiar. Pierre George ressaltou bem este papel da policultura, dizendo que "La polyculture se presente ainsi sous toutes ses formes comme la meilleure défense d'une collectivité rurale contre les antagonismes latentes du milieu et les incertitudes de chaque campagne annuelle" [1, p. 68].

Além de garantir a segurança e equilíbrio da pequena exploração familiar, o sistema policultural possibilita "le meilleur rendement de la superficie disponible en attribuant à chaque sol, a chaque micro-milieu sa fonction approprié" [1, p. 67-68]. Com efeito, a organização do espaço é feita de molde a aproveitar as condições físicas de cada propriedade. Os fatos essenciais da distribuição espacial das culturas podem ser esquematizados do modo seguinte:

a) Os fundos de vales úmidos são aproveitados para a criação, com pastagens naturais permanentes nas vertentes de maior inclinação e pastagens periodicamente melhoradas nas vertentes mais suaves, que permitem sua aração sem perigo de erosão; geralmente, as margens dos ribeirões, cabeceiras de afluentes e vertentes muito acentuadas são conservadas recobertas pela vegetação natural, representada por capões de mato. De modo geral, a área de pasto estende-se até a meia vertente, por onde corre a estrada e onde se localizam as ca-

sas. É interessante observar que, mesmo quando o pasto não chega até a casa, é a ela ligado por uma espécie de corredor, uma tira de terreno, protegida dos dois lados por cerca de arame farpado.

b) toda a área imediatamente próxima à casa é organizada de molde a atender as necessidades da exploração: habitação, benfeitorias, jardim, horta, pomar com variadas árvores frutíferas formam todo um conjunto, geralmente bem delimitado e cercado. Comumente aparecem também, nas imediações da casa, pequenas parcelas dedicadas a culturas mais intensivas, que exigem cuidados permanentes, como é o caso dos "viveiros" (mudas de laranja), ou então culturas de utilização diária, cuja localização mais afastada implicaria em gasto de tempo e trabalho, como é o caso da cultura de cana para forragem.

c) a porção da propriedade que se estende da estrada ou casa até os espigões é utilizada para as culturas: os laranjais e as culturas temporárias distribuem-se indiferentemente nas vertentes ou divisores, evitando apenas os declives muito acentuados e os solos de "piçarra"; nos interflúvios, outro elemento vem somar-se à paisagem, representado pelas relíquias dos antigos cafezais, além de aparecerem, com bastante frequência, talhões de eucaliptos, que podem, também, ocupar a meia vertente ou os fundos de vales.

d) a casa, portanto, ocupa sempre uma posição de ligação entre as duas formas básicas de uso da terra, estabelecendo-se entre a área ocupada pelas pastagens, que vai, de modo geral, do fundo do vale à meia encosta, e a área domínio das culturas, da meia encosta aos divisores, refletindo assim, na sua posição, mais uma adaptação a suas funções, como centro de uma exploração com atividade agrícola e criatória.

Modificações a este tipo-padrão de organização são introduzidas quando a propriedade é parcelada ou quando condições locais de topografia exijam adaptações. Apresentamos (Figs. 11-12 e 13) alguns exemplos que retratam os tipos mais comuns de organização do espaço nas propriedades agrícolas do bairro dos Pires.

#### *E — A Paisagem Agrária*

A soma de todos os aspectos relativos à organização do espaço, que acabamos de analisar, reflete-se numa paisagem agrária extre-

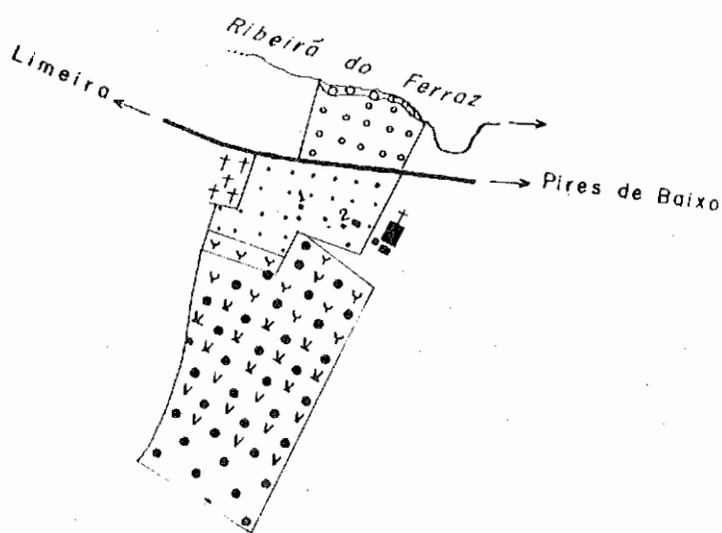


Figura 13 — Propriedade de 5 alqueires, estendendo-se do fundo do vale até a alta encosta, não chegando ao interflúvio. Sua utilização tende à especialização, sendo o solo recoberto, em grande parte, por laranjais, com exceção da área em volta da casa, caracterizada pela presença de um pequeno milharal e pasto. O "viveiro" ocupa a parte inferior da propriedade, da estrada ao fundo do vale. A originalidade da organização do espaço reside no fato da não existência do pasto até o ribeirão, pois que, neste caso, utiliza-se água de poço para os animais. As culturas temporárias são praticadas nas fileiras dos laranjais. (1 — casa do proprietário e anexos; 2 — casa de empregado. Escala aproximada 1:9600).

mamente diversificada lembrando, no seu conjunto, um mosaico formado pela justaposição e encaixe de numerosas pequenas parcelas de terreno de variada utilização.

O desenho parcelar, (referimo-nos aqui, à parcela de cultura ou campo de cultivo e não à parcela fundiária) apresenta uma trama bastante complexa e irregular, com predomínio de unidades de cultura de reduzida extensão, chegando mesmo, em muitos casos, à quase pulverização. Embora predominem os contornos retilíneos, com formas geométricas, tendendo especialmente ao quadrado e retângulo, verifica-se, nas áreas de relêvo mais dissecado e movimentado, o aparecimento de contornos arredondados, sinuosos, moldando-se às formas do relêvo. A influência da topografia se faz sentir, também, quanto ao arranjo das parcelas: com efeito, nos interflúvios e nas vertentes que descambam suavemente, justapõem-se sem solução de continuidade, ora dispondo-se paralelamente à orientação do relêvo e entre si, ora encaixando-se irregularmente, sem nenhuma linha mestra de direção; nas áreas de relêvo mais seccionado, aparecem de modo descontínuo, isoladas ou em pequenos grupos recobrindo os topos de esporões e as vertentes mais suaves, sendo separadas por fundos de vales não cultivados.

O limite entre as parcelas pode ser demarcado por cercas de arame farpado, fossos escavados para condução de água ou fileiras de árvores e arbustos, sendo raro, contudo, o contorno total por estes últimos. Muitas vezes, também, caminhos particulares demarcam o limite entre as mesmas. Interessante é, porém, verificar-se que nem sempre existe a preocupação de envolver com cerca cada parcela cultural, mas, antes, de separar as áreas de cultura das pastagens e, sempre, de proteger a propriedade ao longo das estradas principais.

A variedade de utilização do solo vem conferir à paisagem, como já dissemos, o aspecto de um mosaico. Os laranjais, com seu pontilhado verde-escuro, constituem, por assim dizer, a nota característica e constante, mas não o único elemento da paisagem, pois vêem-se continuamente alternados com culturas anuais, que não raro, também, se insinuam por entre suas fileiras, ou interrompem-se, para ceder lugar a pastagens, sendo o todo reavivado, aqui e acolá, pelo verde-escuro de algum pequeno eucaliptal ou capão de mato. O aspecto total, que disto resulta, é, à primeira vista, caótico; examinan-

do-se, contudo, com mais detalhes e atenção, verifica-se um certo conjunto orgânico, resultado do arranjo topográfico das principais formas de utilização do solo, em função do eixo representado pelo vale do ribeirão do Ferraz, podendo, assim ser esquematizado:

- a) uma faixa de terras, dedicadas a pastagens, acompanha os fundos de vales, ora alargando-se até a meia encosta, ora reduzindo-se a delgada fita margeando os cursos d'água, cujos bordos são sempre delineados por vegetação ciliar. Capões de mato, restos de uma vegetação primitiva, marcam, também, frequentemente, os fundos dos vales e as vertentes de maior inclinação, protegendo-os da erosão. Vez ou outra, pequenos campos de cultivo ou pomares chegam até a margem das aguadas, insinuando-se por entre os capões ou destacando-se no meio dos pastos.
- b) nas meias encostas e nos interflúvios, verifica-se o domínio das áreas cultivadas, os vários tipos de culturas aparecendo alternados, ocupando parcelas especializadas, ou então associadas na mesma parcela.
- c) nos dois principais interflúvios, velhos cafezais marcam frequentemente a paisagem, ao lado das culturas temporárias e dos pomares. Eucaliptos, também, delineiam frequentemente o tópo dos divisores, embora possam aparecer, também, na meia encosta e no fundo dos vales.

Embora estes elementos sejam constantes em todo o território compreendido pelo bairro, é possível reconhecer certas variações paisagísticas locais, em função, principalmente, da própria variação da topografia. Com efeito, nos interflúvios e vertentes suaves que caracterizam o alto curso do ribeirão do Ferraz, as culturas ocupam o solo de modo contínuo, apenas interrompendo-se no fundo do vale principal, onde são substituídas, como vimos, pelas pastagens; o desenho parcelar é bem organizado, com disposição regular das parcelas, geralmente de contornos retilíneos e formas geométricas, dispostas regularmente, paralelas entre si e ao eixo do ribeirão; os capões de mato reduzem-se a delgadas pestanas acompanhando as margens do ribeirão; as culturas apresentam um aspecto cuidado e

as fileiras dos laranjais são bem alinhadas; as casas, surgindo a intervalos mais ou menos regulares, são geralmente de aspecto agradável, com seus jardins sempre multicoloridos: a paisagem reflete, enfim, um alto grau de ocupação do solo, sendo muito humanizada e organizada.

No médio e baixo curso, com o maior seccionamento do relêvo, os espaços cultivados são mais reduzidos e descontínuos, amiúde interrompidos por fundos de vales incultos; o desenho parcelar é mais desorganizado, com parcelas encaixadas irregularmente e com contornos muitas vezes irregulares e arredondados; os capões de mato têm mais expressão no conjunto; o "habitat" rural é mais rarefeito, com disposição mais irregular das casas: a paisagem, enfim, resulta mais agreste, com ocupação e utilização do solo menos intensa.

Apesar, porém, destas diversificações locais, é evidente — insistimos — a unidade de ocupação do solo e paisagística, característica do bairro dos Pires, baseada na própria unidade física representada pelo vale do ribeirão do Ferraz, que constitui como que a ossatura de todo o sistema de organização do espaço.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 — GEORGE, Pierre — *Précis de Géographie Rurale*. Presses Universitaires de France, Paris, 1968.
- 2 — MULLER, Nice L. — Contribuição ao estudo do Norte do Paraná. *Bol. Paulista de Geografia*, São Paulo, (22): 55-97, março 1956.
- 3 — PETRONE, Pasquale — A várzea do Açú. *Avulso da Associação dos Geógrafos Brasileiros*, São Paulo, (2), 75 p., 1961.
- 4 — SMITH, Lynn . — *Sociologia da vida rural*, Casa do Estudante do Brasil Rio de Janeiro, 623 p., 1946.
- 5 — SORRE, Max. — *Les fondements de la Géographie Humaine: tome III — L'habitat*. A. Colin, Paris, 499 p., 1952.
- 6 — WAIBEL, Leo — Princípios de colonização européia no sul do Brasil. in "Capítulos de Geografia Tropical e do Brasil". IBGE — CNG, Rio de Janeiro, 1958.